



Coordenadoria
do Curso de Letras



Universidade Federal
de São João del-Rei

JULIANA APARECIDA DAS DORES

OS LAÇOS INVISÍVEIS DA MEMÓRIA DAS COISAS

Dezembro de 2022

JULIANA APARECIDA DAS DORES

OS LAÇOS INVISÍVEIS DA MEMÓRIA DAS COISAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenadoria do Curso de Letras - Português,
da Universidade Federal de São João del-Rei,
como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em Letras

Ênfase: Estudos Literários

Orientadora: Profa. Dra. Eliana da Conceição
Tolentino

São João del-Rei

A vida não é a que a gente viveu e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la.

Gabriel García Márquez

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais por serem incansáveis incentivadores da minha busca por conhecimento e pelas realizações pessoais e profissionais. Pelos inúmeros esforços e sacrifícios, para que eu pudesse ter uma oportunidade diferente da que eles tiveram, ao receber uma educação superior.

Agradeço também aos amigos da faculdade, pelas horas de apoio, incentivo diante dos obstáculos, incertezas e medos, por todo companheirismo e suporte.

À professora e orientadora Eliana Conceição Tolentino, pela dedicação, atenção e carinho em receber e acolher minhas dúvidas, incertezas e inseguranças, transformando cada sentimento desses na realização desta monografia; e por enxergar mais longe minhas possibilidades, que eu mesma não via.

A esta Universidade, por me conceder a oportunidade de vivenciar ao lado de profissionais maravilhosos a descoberta pela literatura como uma nova parte de mim, a poética que corre nas veias e a todos funcionários e a todas funcionárias que fizeram da minha jornada educacional uma jornada pessoal.

Aos professores, orientadores e alunos do Projeto de Residência Pedagógica, que contribuíram para que este trabalho fosse possível, pois foi a partir das atividades que surgiram as discussões acerca do tema pesquisado. O Projeto foi executado numa escola pública, com uma turma de ensino médio, na cidade de São João del-Rei.

Aos meus amigos e familiares, que participaram, contribuíram e me incentivaram em mais uma jornada acadêmica. Por enxergar em mim possibilidades que eu mesma não sabia possuir.

RESUMO

O presente trabalho visa, a partir da obra *A memória das coisas*, de Marília Lovatel (2017) discutir a relação entre memória e objetos, tendo em vista a afetividade a eles atribuída por aqueles que os possuem, a partir da hipótese de que memória e identidade estão relacionadas, considerando que ambas são fragmentadas. Nesta obra, pudemos encontrar traços de relações identitárias pelas vozes dos objetos- narradores, que contam mais do que suas próprias histórias, contam daqueles a quem pertenciam. Para tanto, o aporte teórico fundamenta-se em discussões sobre identidade em Stuart Hall (2006) e em Philippe Lejeune (2008), Doubrovsky (2014), Bourdieu (1996), Leonor Arfuch (2010) sobre a escrita de si. Além desses, também Roland Barthes (2005) e Eneida Maria de Souza (2002) para tratar sobre biografema. Diante disso, verifica-se que os objetos podem receber diferentes valores e interpretações, conforme a narrativa da qual fazem parte. Para fundamentar a discussão sobre o valor atribuído aos objetos, buscamos a leitura de Peter Stallybrass (2008) e discussões de Walter Benjamin (1985) e Baudrillard (2001; 2004).

Palavras chaves: memória; objetos; *A memória das Coisas*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	APORTE TEÓRICO.....	10
3	A MEMÓRIA E O VALOR DOS OBJETOS.....	15
4	A NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA EM A MEMÓRIA DAS COISAS.....	18
	<i>4.1 A escrita de si em A memória das coisas.....</i>	<i>20</i>
	<i>4.2 Identidade fragmentária: objetos.....</i>	<i>22</i>
	<i>4.3 Os objetos e biografema.....</i>	<i>23</i>
	<i>4.4 Elementos paratextuais e a autoficção.....</i>	<i>24</i>
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
6	REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge a partir da experiência vivenciada em sala de aula, durante o desenvolvimento do projeto do Governo Federal de Residência Pedagógica, realizado pela Universidade Federal de São João del-Rei. Este projeto foi implementado para uma turma do terceiro ano do ensino médio, de uma escola estadual, no município de São João del-Rei, no ano de 2021. Quando, na execução do projeto, ao ser abordado o estudo dos gêneros textuais como autobiografia e biografia, pude acompanhar a produção de pequenos textos autobiográficos dos alunos, a partir da releitura de imagens de objetos.

Entretanto, é importante salientar que durante os anos 2020 e 2021 o mundo se viu diante de uma pandemia provocada pelo vírus da Covid-19 (o Sars-Cov-2), alterando vidas permanentemente. Em meio a esse cenário, de inseguranças, medos, incertezas e mortes, as escolas e universidades se depararam com o desafio: continuar o trabalho de forma remota, porém, este ambiente se apresentou frio e impessoal, mas essa foi, entretanto, uma medida que permitiu seguir com as atividades escolares, na tentativa de minimizar os danos tão avassaladores provocados pela pandemia. Além disso, foi necessário também remodelar as relações professor/aluno, devido à impossibilidade de manter contato pessoal, como ocorreria em uma sala de aula tradicional e, conseqüentemente, nos deparamos com novas memórias, capazes de modificar nossas histórias permanentemente.

Portanto, frente à impossibilidade de se trabalhar de forma presencial, as escolas e universidades adotaram aulas remotas, exigindo dos professores novas abordagens pedagógicas, com a finalidade de manter o calendário acadêmico na tentativa de minimizar possíveis prejuízos no processo de aprendizagem. Desta forma, durante a Residência Pedagógica observou-se a importância das mídias sociais como ferramenta de ensino-aprendizagem, e uma forma de aproximação do alunado.

Todavia outros desafios se apresentaram, já que a escola, na qual realizei os trabalhos da Residência Pedagógica, não permitia o uso e divulgação de imagens pessoais dos alunos, e por isso foi necessário diversificar a maneira de se tratar os gêneros autobiografia e biografia a partir da ressignificação, utilizando o *Instagram* como meio de divulgação. Para isso, além da imagem-memória, o aluno elaborou um pequeno texto explicitando a sua relação emocional e afetiva para com o objeto, apontando o valor ressignificado e identitário, que remetia às narrativas pessoais.

Foi diante desse desafio, que os alunos utilizaram imagens de objetos para representar as próprias histórias, usando a rede social *Instagram* para produzir pequenas

escritas de si. Dessa maneira, precisavam elaborar um texto, poema, ou narrativa que contasse a relação entre imagens/objetos e as memórias das histórias pessoais. Assim, um livro, um violão, um baralho de cartas passaram a ser objetos com referencial identitário, que remetiam a diversos sentimentos e emoções, referenciando às autobiografias de seus narradores.

Por isso, frente ao uso das mídias sociais como espaço de criação e divulgação das próprias narrativas, em razão de o trabalho escolar envolver a postagem no *Instagram* das imagens e textos autobiográficos elaboradas pelos alunos, a atividade foi ao encontro do conceito discutido por Leonor Arfuch (2010) sobre o “espaço biográfico”, como uma forma contemporânea de falar de si.

Arfuch (2010) ressalta, em *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*, que atualmente vivemos em uma situação amplamente biográfica, ou num amplo espaço biográfico, em virtude de situações nunca vistas antes, como o crescimento das redes sociais, *podcasts* de entrevistas, *reality shows*, entre tantos espaços cujas narrativas são centradas nas memórias e nas escritas e exposições de si.

Mas, na trama da cultura contemporânea, outras formas aparecem disputando o mesmo espaço: entrevista, conversa, perfis, retratos, anedotários, testemunhos, histórias de vida, relatos de autoajuda, variantes do *show - talk show*, *reality show*...[...] (ARFUCH, 2010, p.15, grifos da autora)

Por essa razão, durante as atividades desenvolvidas na escola acerca dos gêneros autobiografia e biografia, me deparei com aspectos outros sobre diferentes formas de escritas de si, como o biografema e a autoficção, neologismos criados por Roland Barthes (2005) e Serge Doubrovsky (2014), respectivamente.

De forma a debater a hipótese apontada neste trabalho, a obra de Marília Lovatel *A memória das coisas* (2017), da editora Demócrito Dummar, foi escolhida como texto literário do *corpus* de pesquisa, acerca da relação dos objetos na construção de narrativas (auto)biográficas, observando as conexões entre memória, identidade e narrativas que falam de si (ou do outro).

Quanto à autora, nascida em Fortaleza, em 1971, Marília Lovatel é formada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), mestre em Literatura pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e recebeu o prêmio nacional *Jovem Escritor* (1988), coordenado por Luís Fernando Veríssimo. A escritora também é autora dos livros *A sala de aula e outros contos* (2012), editora Scipione; *Templária: cidade entre mundos* (2013),

editora Talentos da Literatura Brasileira, obra que produziu em parceria com seu filho Matheus Lovatel. Além disso, em 2015 publicou a obra infantil *Fábulas e contos em versos*, pela editora Armazém da Cultura e teve seus poemas escolhidos, em 2015, para integrar a *VII Antologia de poetas lusófonos*, editada pela Folheto, editora portuguesa.

Em *A Memória das Coisas* (2017), Lovatel traz nas vinte e sete narrativas, escritas de si, memória de diferentes gerações, narradas não por pessoas, mas pelas vozes dos objetos, que presenciaram conflitos, descobertas, luto, mudanças, tragédias, e que durante anos, participaram da vida das famílias que acompanharam.

É possível observar marcas temporais que apontam o momento em que os objetos narradores fizeram parte, uma vez que são retratadas as memórias de bens não tão comuns na contemporaneidade, como narrativas do rádio, de um oratório e uma carta. Entretanto observamos que algumas memórias foram repassadas para outras gerações, quando os objetos eram herdados pelos membros das famílias.

Assim como na obra de Lovatel (2017), a relação existente entre memórias e os objetos também será discutida no presente trabalho, observando a atribuição de valor que as coisas podem receber, depois de atravessar as tramas pessoais das vidas dos sujeitos, e em virtude dos laços invisíveis das memórias, os objetos passam a ser inestimáveis.

Esta monografia passa por experiências pessoais, como a participação no projeto de Residência Pedagógica, bem como por uma memória particular, representada por um livro, o qual fez parte do trabalho escolar sobre autobiografia que os alunos deveriam realizar. Por essa razão o presente trabalho possui diversos níveis de significação, dado se tratar de memórias antigas e recentes da vida pessoal e da vida acadêmica, entrecruzadas pelos textos teóricos que fizeram parte da minha trajetória e formação universitária.

2 APORTE TEÓRICO

Diante da proposta do presente trabalho, que tem como hipótese estabelecer a relação entre os objetos, as memórias e a concepção de identidade, objetiva-se discutir como a afetividade das lembranças e recordações podem conferir aos objetos valores distintos, bem como os objetos-memória estão presentes nos fragmentos memorialísticos e na concepção multifacetada de identidade. Para isso, a metodologia adotada foi por meio de pesquisas bibliográficas, é importante elencar alguns conceitos-chaves que serão discutidos à luz de postulações teóricas, como identidade, memória, autobiografia, biografia, biografema e autoficção, além de discutir os valores dos objetos. Ademais, poderemos discutir os laços invisíveis que unem as memórias das coisas às narrativas (auto)biográficas.

Conforme Stuart Hall (2006), em *A identidade cultural na pós modernidade*, muito tem se falado sobre identidade e a crise identitária na modernidade e por sua vez Hall (2006) aponta que há três concepções de identidade: do sujeito do iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno. Quanto ao sujeito do Iluminismo pode-se afirmar:

Um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa (HALL, 2006, p. 10-11).

Quanto ao sujeito sociológico, pode-se afirmar que esse é um sujeito que se constrói a partir das interações com o meio. O sujeito sociológico

[...] refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com 'outras pessoas importantes para ele', que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava (HALL, 2006, p. 11).

Já quanto ao terceiro tipo de sujeito, o pós-moderno Hall (2006) afirma que:

o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006, p. 13)

Na atualidade o sujeito pós-moderno se vê diante de identidades múltiplas, fragmentadas. “Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais” (HALL, 2006, p. 12)

Stuart Hall (2006) salienta que a ideia de uma única identidade, que nos acompanhe desde o nascimento até a morte, é questionável, porque somos processos das múltiplas experiências que sofremos ao longo da vida. Podemos ressaltar, portanto, que não possuímos uma identidade única e imutável, mas multifacetada, conforme as etapas, experiências e interações com diferentes grupos, culturas e tantas outras identidades ao longo da vida.

Destaca-se também, a memória como parte fundamental na construção da identidade na medida em que é por intermédio dela que são atribuídos valores indispensáveis para percepção de si mesmo e das coisas, que atravessam as histórias dos indivíduos. É também através da memória que podemos acessar fragmentos identitários, que recontam e remontam as tramas da vida, tendo como gatilho que provoque lembranças e recordações de qualquer “coisa”: um objeto, um aroma, uma roupa, um local, uma música.

Desse modo, em *A memória das coisas*, as identidades das personagens apresentam-se de forma fragmentada, pelas diversas vozes dos objetos, que montam como uma colcha de retalhos, as histórias das famílias a que pertenceram, pois o leitor é levado, ao longo das narrativas, a conhecer e compreender a trajetória das famílias que são contadas pelos objetos.

Ao tratarmos dos gêneros autobiografia e biografia apontamos os postulados de Philippe Lejeune (2008), em *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Lejeune define autobiografia como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, colocando acento sobre a sua vida individual, em especial sobre a história de sua personalidade”. (LEJEUNE, 2008, p.14)

As discussões e pesquisas de Lejeune apontam na autobiografia a identidade entre autor, narrador e personagem pois “Para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral, literatura íntima), é preciso que haja relação de identidade entre o *autor*, o *narrador* e o *personagem*.” (LEJEUNE, 2008, p. 15)

Lejeune (2008) saliente que o que difere o gênero autobiografia dos demais gêneros de escrita de si (como romance, ficção, diário etc) é o pacto firmado pelo leitor e autor, via elementos textuais e extratextuais, isto é, a homonímia existente entre autor, narrador e personagem selam o pacto. “O pacto autobiográfico é a afirmação, no texto, dessa

identidade, remetendo em última instância, ao *nome* do autor escrito na capa do livro” (LEJEUNE, 2008, p.26, grifo do autor), dessa forma, “o que define a autobiografia: é tanto um modo de leitura quanto um tipo de escrita, é um *efeito contratual* historicamente variável. (LEJEUNE, 2008, p.46, grifos do autor).

Por conseguinte, quando lemos as narrativas dos objetos, na obra de Lovatel (2017), vemos que esses contam suas histórias pessoais, na perspectiva de terem vivenciado cada experiência, bem como a de narrar suas memórias.

Por sua vez, diante da escrita da própria narrativa, nos deparamos com biografia, como uma das formas canônicas de narrativa das vivências de outrem, que assim como ocorre em outros gêneros correlatos, como “confissões, memórias, correspondências” (ARFUCH, 2010, p.15) aborda a vida de alguém pelo olhar de um terceiro, nesse caso, pela visão do biógrafo.

Bourdieu (1996), em “A ilusão biográfica”, discute que biografia pode ser considerada “como uma história seguindo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo” (BOURDIEU, 1996, p. 184). Por isso, ao acompanharmos o desenrolar da trama na obra *A memória das coisas*, entendemos que os objetos narram mais do que as próprias histórias, mas as histórias das pessoas a quem pertenceram.

Além disso, de acordo com Arfuch (2010), o “espaço biográfico” não se limita a um conjunto de gêneros textuais correlatos à escrita de si, mas a novas maneiras de criar e divulgar narrativas.

Assim sendo, durante a leitura de *A memória das coisas*, observou-se que a forma como as histórias foram estabelecidas, em partes, ou fragmentos, pelas vozes dos diversos objetos narradores, dialogavam com as discussões de Roland Barthes (2005) sobre o que ele nomeou como “biografema.”

Roland Barthes (2005), em *Sade, Fourier, Loyola*, criou o neologismo “biografema”, para se referir a um traço do biografado, uma “parte” que contém traços pertinentes acerca das narrativas pessoais, ou seja, um biografema pode ser considerado um fragmento que remete à biografia de um indivíduo.

[...] se eu fosse escritor, e já morto, como gostaria que a minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo amigo e devoto, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos: “biografemas”, cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino e vir tocar, à maneira dos átomos epicurianos, algum corpo futuro, prometido à

mesma dispersão; uma vida esburacada, em suma, como Proust soube escrever a sua na sua obra [...] (BARTHES, 2005, p. XVII)

Também em *A câmara clara* (2012), Barthes afirma que : “(...) Gosto de certos traços biográficos que, na vida de um escritor, me encantam tanto quanto certas fotografias; chamei esses traços de ‘biografemas’; a Fotografia tem com a História a mesma relação que o biografema com a biografia” (p. 34). Por essa razão, compreende-se que os biografemas, discutidos por Barthes (2005), podem ser considerados fragmentos que se relacionam com a biografia de um indivíduo, da mesma maneira que se pode observar na narrativa de *A memória das coisas*, os diversos objetos narradores que relatam fragmentariamente as histórias de seus donos, utilizando de traços de suas personalidades, identidades e histórias.

Além disso, o uso de alguns elementos paratextuais, por Marília Lovatel (2017) em *A memória das coisas*, nos leva a questionar a possibilidade de as narrativas se entrecruzarem com as experiências pessoais da autora, indo ao encontro dos questionamentos de Lejeune (2008) sobre diferentes formas de escrita autobiográfica.

Dessa forma, o que Lejeune (2008) discutia sobre autobiografia já não era suficiente para abarcar as formas como os objetos narradores tratavam das narrativas pessoais e das de seus donos, nem da possível relação autobiográfica contida no texto literário *corpus* deste trabalho, e por isso nos deparamos com os apontamentos de Doubrovsky (2014), sobre a escrita autobiográfica, que pode contar com elementos da ficção, em função de que

Nenhuma memória é completa ou fiável. As lembranças são histórias que contamos a nós mesmos, nas quais se misturam, sabemos bem isso hoje, falsas lembranças, lembranças encobridoras, lembranças truncadas ou remanejadas segundo as necessidades da causa. Toda autobiografia, qualquer que seja sua “sinceridade”, seu desejo de “veracidade”, comporta sua parte de ficção (DOUBROVSKY, 2014, p.121)

Ademais, Vincent Colonna (2014), em seu ensaio “Tipologia da autoficção”, aborda as fabulações sobre fatos reais na narrativa autoficcional, exemplificando os empréstimos que grandes pintores fizeram em suas obras, ao utilizarem traços próprios para pintar quadros que não eram autorretratos, “No renascimento, há um tipo de retrato chamado *in figura* no qual o pintor se insere na tela, emprestando seus traços a uma figura religiosa ou histórica” (COLONNA, 2014, p.39, grifo do autor).

Por essa razão, durante a leitura da obra de Lovatel (2017), percebe-se que as narrativas podem ser vistas como uma forma de transfigurar as recordações dos personagens humanos pelas memórias dos objetos, pois os objetos falam de si e de seus donos. Em suas narrativas eles relatam sobre suas lembranças e sobre as daqueles a quem pertenceram,

oferecendo ao leitor a possibilidade de conhecer a trajetória dos demais personagens através dos fragmentos memorialísticos que descrevem diversas experiências entre objetos-memória e seus donos, como pode ser observado a seguir, por meio das recordações do xale, essa relação entre as memórias das pessoas e dos objetos.

A marcha nupcial apontou para a entrada da igreja. O nervosismo quase atrapalhou a felicidade da noiva. Mas ela não estava sozinha. Apertando-me nos ombros, a jovem se sentiu abraçada pela mãe, pela avó, pela irmã e pela tia. Parou de tremer e caminhou pela nave com passos decididos. Estava bonita. Sentia-se bonita. Olhares de admiração. Para ela e para mim. Apertou-me nos ombros. Estamos todas juntas – pensou. Respirou fundo e caminhou na direção do altar. (LOVATEL, 2017, posição 583)

Na citação acima vemos um exemplo de como os objetos falavam de suas memórias e também permitiam que o leitor conhecesse os demais personagens, assim as narrativas não eram apenas dos objetos, mas também recordações de seus donos. Evidentemente, que toda essa fabulação e estrutura do livro tem a maestria da autora, que, numa estrutura composicional, põe a falar de si os objetos que também falam dos outros. Assim, como afirma Arfuch (2010, p.55) referindo-se às postulações de Mikhail Bakhtin sobre os gêneros discursivos e sobre o dialogismo, se numa autobiografia “não há identidade possível entre autor e personagem, [...] porque não existe coincidência entre experiência vivencial e a ‘totalidade artística’”, aqui, em *A memória das coisas*, Marília Lovatel coloca então o eu na voz narrativa dos objetos. Instaura-se nessa performance a hibridização do eu em eu-objeto, eu-personagem, eu-dono do objeto, em que a voz narrativa do objeto-memória narra a si e também o outro.

3 A MEMÓRIA E O VALOR DOS OBJETOS

Neste momento será discutida a importância das relações afetivas na percepção de valor dos objetos e das memórias contidas neles, e ainda, acerca das discussões de Walter Benjamin (1985) sobre a relação entre reprodutibilidade dos objetos e sua noção de valor.

O valor que os objetos podem possuir, difere nas diversas situações em que eles se encontram e como podem ser entendidos e lidos. Jean Baudrillard (2001) dispõe em sua obra *Senhas* que “[...] o que me interessou verdadeiramente não foi tanto o objeto fabricado em si, mas o que os objetos diziam uns aos outros, o sistema de signos e a sintaxe que eles elaboravam.” (BAUDRILLARD, 2001, p. 9) nos permitindo compreender que os objetos podem representar mais do que aquilo que vemos de forma concreta, mas possuir valores subjetivos que tornam o objeto impossível de ser estimado. “É bem verdade que o estudo do valor é bem complexo: se o valor de mercado é passível de ser apreendido, o valor signo, ao contrário, é fugitivo e movente – em dado momento ele se esgota e se dispersa na valorização que lhe é dada.” (BAUDRILLARD, 2001, p. 16), por isso trataremos a seguir das relações entre as narrativas pessoais e os objetos e como isso lhes confere diferentes valorizações.

A fim de compreender a relação entre a memória e os objetos (ou coisas) na construção da identidade dos sujeitos, consideremos que a valorização de determinados bens está ligada à memória afetiva da experiência que se obteve com o objeto. Como exemplo dessas relações de valores, aponto a seguinte situação pessoal, utilizada como símbolo autobiográfico na atividade escolar citada anteriormente, cuja vivência impulsionou também as pesquisas iniciais deste trabalho.

Durante minha infância, minha mãe tinha o hábito de ler contos de um determinado livro antes de me colocar para dormir, contudo, ao longo dos anos esse livro foi perdido. Mas há um ano, recebi uma cópia do mesmo livro de presente, reativando memórias afetivas de momentos afáveis. Dessa forma, destaco a relação de valor existente entre o livro e as recordações representadas pelo objeto-memória, visto que o mesmo produto pode possuir valores distintos a partir de determinado ponto de vista, isto é, o livro pode ter o valor apenas mercadológico e monetário, ou pode assumir um valor incontável a partir das relações afetivas que representa.

Dessa forma, os objetos vistos por si só podem ter apenas valor de mercadoria/troca, por não possuírem “memória” ou história, mas quando associamos tais objetos às narrativas pessoais, eles deixam de ser apenas “coisas” e adquirem valores imensuráveis, ou o valor sentimental, que não pode ser quantificado. Maria Esther Maciel (2004), relata em *A*

memória das Coisas que os objetos podem assumir valores distintos pela presença na narrativa de alguém, tornando-se parte dessa história

[...] Seus objetos, mesmo que esvaziado do caráter funcional, ao serem subjetivizados pela posse e pela criatividade do artista, passam a dizer muito mais do seu contexto do que quando ocupavam simplesmente o espaço utilitário de suas funções imediatas. Eles adquirem uma linguagem, convertem-se em metonímias do contexto em que foram tirados. (MACIEL, 2004, p.19)

Diante disso, podemos observar essa atribuição de valor dos objetos nas discussões que Peter Stallybrass (2008) traz em *O casaco de Marx*: roupas, memória, dor. O teórico discorre sobre o papel subjetivo das roupas, que podem ser vistas tanto como moeda de troca, quanto apresentar valores sociais e também relações de memória, pela ligação dos objetos com as narrativas de pessoas queridas que morreram.

Deste modo, nota-se que os valores dos quais nos referimos neste trabalho vão além do preço/custo de mercadoria, ou valores sociais, mas àqueles adquiridos pelo contexto das narrativas individuais, pela forma como cada objeto interferiu na jornada de cada sujeito, como no do casaco de Marx, que representava mais do que uma peça de vestuário, mas que monetariamente lhe ajudou a escrever *O Capital*, publicado em 1867.

Para Marx, assim como descrito na obra de Stallybrass (2008), as suas roupas e de seus familiares estavam interligadas com a sua produtividade e sua capacidade de trabalhar, visto que elas representavam uma moeda de troca, capaz de lhe permitir comprar os insumos necessários para escrever. Numa época em que Marx passava por dificuldades financeiras ele penhorava suas roupas e de seus familiares, para poder comprar os materiais que necessitava para trabalhar.

Além disso suas roupas também lhe conferiam o valor social, porque permitia que ele pudesse frequentar o Museu Britânico, uma vez que socialmente se esperava um determinado tipo de vestuário para acessar locais de prestígio, como o Museu.

Mas todo objeto que é penhorado perde seus valores sentimentais, e, portanto, sua memória, já que o único valor interessado ao dono da loja é o valor de mercadoria, uma vez que nenhuma memória vai aumentar o preço daquele objeto.

Mas penhorar um objeto é desnudá-lo de memória. Pois somente se um objeto é desnudado de sua particularidade histórica ele pode novamente se tornar uma mercadoria e um valor de troca. (STALLYBRASS, 2008, p.65)

Stallybrass (2008) também reconhece o valor que a memória exerce sobre os objetos, uma vez que ao herdar a jaqueta que pertenceu ao falecido amigo Allon White, destaca a relação que havia entre o objeto e as recordações que esse provocava

Se eu vestia a jaqueta, Allon me vestia. Ele estava lá nos puimentos do cotovelo, puimentos que no jargão técnico da costura são chamados de "memória". Ele estava lá nas manchas que estavam na parte inferior da jaqueta; ele estava lá no cheiro das axilas. Acima de tudo, ele estava lá no cheiro. (STALLYBRASS, 2008, p.10)

Deste modo, podemos perceber que cada sujeito verá os objetos por diferentes perspectivas, atribuindo a eles valores imponderáveis, devido a relação entre o objeto e as memórias associadas, conferindo uma percepção de valor pessoal inestimável, na medida que tal coisa deixa de ser apenas um objeto e torna-se um fragmento do quebra-cabeças que é a biografia de cada um.

Diante disso, entende-se que coisas/objetos existem no mundo material e possuem valores financeiros para serem comprados e vendidos, entretanto é através das memórias que novos valores podem ser atribuídos, isto é, tudo pode possuir valor mercadológico, até passar pela narrativa de alguém e tornar-se parte inestimável de suas memórias.

Walter Benjamin (1985) discutia o valor que os objetos possuem, pela perspectiva da desvalorização em decorrência da reprodução em massa. Em seu ensaio “A obra de arte e sua reprodutibilidade”, Benjamin discute a reprodução das obras de arte e a desvalorização da peça original, como algo único e individualizado.

Benjamin (1985) quis dizer que toda obra de arte é passível de ser reproduzida, isso fez parte da evolução artística, pois era dessa forma que os “discípulos” aprendiam. Entretanto a reprodução, ou cópia, não contém a “aura” da obra original, isto é, “Em suma o que é a aura? É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição de uma coisa única e distante por mais perto que ela esteja.” (BENJAMIN, 1985, p.170)

Por outro lado, podemos salientar que as relações afetivas atribuem valores diferentes aos objetos, mesmo que esse tenha sido produzido em massa e haja inúmeros outros iguais a ele. Pois a associação entre narrativas pessoais e memórias afetivas podem conferir ao objeto valores únicos, como a “aura” mencionada por Benjamin (1985).

Ou seja, as marcas da experiência e da vivência existem apenas naquele objeto, conferindo-lhe uma significação única, mesmo diante de diversos objetos como ele, tais marcas são reconhecidas na relação dono/objeto e suas narrativas, que o torna único e, portanto, com valores indefiníveis.

4 A NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA EM A MEMÓRIA DAS COISAS

No presente momento será realizada uma apresentação da obra de Marília Lovatel (2017) e a presença curiosa dos narradores de cada conto que, pelo olhar e sensibilidade das experiências vividas pelos objetos, narram suas próprias histórias e daqueles a quem pertenciam e fizeram parte de suas memórias; bem como é possível salientar que suas narrativas são formas de contarem suas autobiografias, ao mesmo tempo que nos contam as histórias (biografias) de todas as pessoas a quem pertenciam.

A obra se inicia com a narrativa do caminhão que está realizando uma mudança, leva consigo caixas repletas de objetos, e nos conta sobre a mudança que está fazendo, de sua percepção de uma família que não está presente durante a organização e carregamento do caminhão. Ademais as narrativas serão feitas pelos objetos que estão nas caixas e levarão o leitor, por uma viagem temporal, capaz de perceber o percurso narrativo das pessoas pelas quais os objetos passaram e contribuíram para a construção de suas histórias.

Ao longo das memórias narradas pelos objetos, conhecemos três famílias diferentes, que não são nomeadas, mas para efeitos de referência tomarei a liberdade de chamá-los por famílias 1, 2 e 3. Dessa forma vemos a família 1 que é composta pelo pai (Sapateiro), pela mãe, o filho mais velho (Artista) e o filho mais novo, também descrito como Sapateiro.

A família 2 é composta pela mãe, o pai (Fazendeiro), a filha mais velha e a filha mais nova (Estilista). Posteriormente as famílias 1 e 2 se unem pelo casamento dos filhos mais novos, isto é, a família 3 é formada pelo casamento do Sapateiro (filho) com a Estilista, e os dois terão uma filha.

Além disso, pela visão dos objetos vamos conhecendo as histórias de cada família e os eventos marcantes que influenciam nas construções das identidades e na formação das memórias dos personagens. Desta feita, tomamos conhecimento do trágico acidente que ceifou a vida do pai (Sapateiro – família 1), quando o rádio de válvulas pega fogo e há um incêndio na casa da família. “A partir daí, não transmiti mais nada. Um curto queimou minhas válvulas, condenando-me ao silêncio outra vez. Nada pude fazer para conter o incêndio.” (LOVATEL, 2017, posição 273)

Deste modo, também como a mãe (família 1) se torna solitária após a viuvez e a partida do filho mais velho, para seguir a carreira artística fora do país, como é narrado pela carta. “– Tenho dois filhos. Um mora no exterior. É artista. O outro tem uma sapataria. Acho que trabalha demais. Não é isso. Ele nunca vem, porque se lembra do pai, que morreu num incêndio. Há dez anos. Escapei por pouco...” (LOVATEL, 2017, posição 328)

Mais adiante, o leitor descobre pela narrativa de um botão que esse filho (Artista) também falece, reduzindo a família 1 ao filho mais novo - que também se torna sapateiro como o pai- e a mãe (solitária).

O carro parou no condomínio de luxo. Na portaria, repórteres se acotovelavam. Deram passagem ao padre. No apartamento, familiares e um moribundo. Entramos no quarto, reconheci o enfermo, deitado na cama, despedia-se da mãe e do irmão. Ao me ver na batina, pediu com um gesto a aproximação do padre. Queria me enxergar melhor, se certificar da minha volta e contar ao sacerdote o último desejo. A extrema-unção. O padre saltou do táxi na porta da galeria. Lá dentro, achou o grande painel e me devolveu à condição de obra de arte. (LOVATEL, 2017, posição 362)

Conhecemos ainda um pouco da família 2, pelo olhar da foice que descreve o pai como um fazendeiro de cana de açúcar, e suas duas filhas. A mais nova sonha em se tornar estilista e depois de alguns anos se casa com o filho do Sapateiro (família 1), como é retratado na narrativa do xale, feito para o dia do casamento.

No decorrer da história notamos, pelas narrativas da aliança, do batom, da caixa de música (etc) que o casamento entre o Sapateiro (família 1) e a Estilista (família 2) não parece estar indo bem, até que o casal recebe a notícia da gravidez de uma menina. Durante os próximos anos, aproximadamente cinco, a família 3 parece bem, entretanto uma tragédia acontece e a pequena filha do casal morre, como pode-se ler na narrativa do sapato e do sino.

Nunca entendi os repiques festivos dos enterros de anjos. A fé manda festejar a volta para a casa do Senhor. Mas não há tristeza mais profunda para a família que perde a sua criança. [...]

O cortejo segue. O pequeno caixão branco. A cidade em procissão. Todas as flores dos jardins reunidas. Toda a dor do mundo concentrada. Uma mãe e seu filho caminham de mãos dadas, reconciliados. Ouvi dizer que é uma menina. Cinco aninhos. Os repiques celebram o anjo em voo aberto pelo céu. (LOVATEL, 2017, posição 864)

Após a perda da filha, a família (3) abalada vê a necessidade de se mudar da casa na qual passaram os últimos anos juntos e por esta razão, metonimicamente, vemos a narrativa do próprio livro, descrevendo sua origem, como uma forma do pai (Sapateiro – família 3) lidar com a perda e o luto, escrevendo suas memórias, na forma de narrativas dos objetos que foram postos no caminhão para realizar a mudança.

As histórias foram surgindo. Os objetos contavam suas memórias. Tinham suas próprias vozes. Tanto os das caixas, como a tesoura guardada no saco de veludo azul, quanto aqueles que existiam somente em sua lembrança, como o rádio incendiado, o telefone levado pela cunhada e o perfume predileto da esposa. [...] Dessa maneira, fui concebido e comecei a ser gestado. Do caderno para um notebook. O autor encontrara a solução para vencer a tristeza, reagir à vontade de morrer com a filha. (LOVATEL, 2017, posição 892)

4.1 A escrita de si em *A memória das coisas*

Durante a leitura da obra de Lovatel (2017), os objetos se apresentam como autores das histórias e ao mesmo tempo biógrafos de seus donos, o leitor é levado, pela estrutura das narrativas, a conhecer mais dos núcleos familiares, suas relações e como os objetos são parte importante na vivência de cada um.

O livro se inicia pela voz do caminhão que está realizando uma mudança, e recebe as caixas com os objetos que serão os demais narradores da obra. A narrativa logo nos apresenta ao pai da família 3, como um homem solitário. A ausência de vozes femininas é notada pelo caminhão, mas o narrador percebe que há presença delas pelos objetos e há também a possibilidade de que nessa família haja uma criança, visto que no meio das coisas que estão sendo carregadas há brinquedos.

A ausência de vozes femininas aumentava a minha estranheza. Não pude evitar uma série de especulações acerca daquele homem solitário. A casa era grande para alguém que morasse sozinho. Os pertences distribuídos nas caixas certamente não seriam de uma única pessoa. Havia roupas e brinquedos. Onde estava o resto da família? Quem sabe os filhos e a esposa haviam se mudado, viajando na frente para outra cidade, e a ele coubera a tarefa de despachar a mudança? (LOVATEL, 2017, posição 150)

O caminhão também nota e descreve a tristeza no olhar do pai e a importância dos objetos que leva, apontando estar repleto das memórias daquela família “Entendi, naquela hora, no olhar vazio do dono da casa, que não eram somente os objetos, eram as histórias, as vidas que eu levava.” (LOVATEL, 2017, posição 162)

Durante as vinte e sete narrativas, é possível observar que os objetos narram suas histórias pessoais, que são marcadas pelas biografias de seus donos, entretanto quando recapitulamos as discussões de Lejeune (2008) sobre autobiografia nos vemos diante de questionamentos feitos pelo próprio Lejeune acerca da escrita de si. Seria possível ocorrer a quebra da homonímia autor/narrador/personagem e ainda constituir uma autobiografia?

Assim, observa-se que as relações identitárias entre narrador e personagem ocorrem nas narrativas de Lovatel (2017), entretanto a autora da obra não é identificada com um dos personagens. Na capa do livro *A memória das coisas*, aparece o nome da autora: Marília Lovatel. Todavia, as vinte e sete narrativas têm como narradores os personagens principais que dão título a cada uma delas, como por exemplo o caminhão, o abajur, o relógio, a caixinha de música. Na última narrativa, intitulada “O livro”, o leitor se depara com o autor das histórias anteriores, que é o livro. Ou seja, se Lovatel é a autora do livro *A memória das coisas*, “o livro” (objeto-personagem) é o autor de todas as vinte e sete narrativas. Por sua vez

o livro, enquanto autor das narrativas anteriores, nos informa que foi gestado pelo pai (família 3) “Dessa maneira, fui concebido e comecei a ser gestado. Do caderno para o *notebook*. O autor encontrará a solução para vencer a tristeza, reagir à vontade de morrer com a filha” (LOVATEL, 2017, posição 901)

Outra marca presente nas narrativas são as passagens temporais que nos permitem entender como cada família vivenciou uma geração diferente, por isso somos apresentados às narrativas de objetos como um rádio de válvulas, que após sofrer alguns reparos reproduzia músicas dos anos 40, referindo-se à época que os pais da família 1 eram jovens, “Havia algo estranho. Todas as estações sintonizadas transmitiam a programação da mesma época. O que era motivo de espanto para eles era deleite para mim, como se o tempo não houvesse passado” (LOVATEL, 2017, posição 265).

Além de memórias de uma carta, um camafeu que é herança da avó da Estilista (família 2) e um telefone de disco, datado da infância das filhas da família 2, “Já fui o último modelo. Grande coisa. Todos já o foram. Mas um telefone Siemens, ano 1976, vermelho, chamaria a atenção em qualquer época. O pai retirou o plástico-bolha que me envolvia e me exibiu, sobre a mesinha. As duas meninas arregalaram os olhos de satisfação” (LOVATEL, 2017, posição 641)

Essas narrativas são dispostas de forma que o leitor possa vislumbrar, ainda que sem precisão de datas, um certo período de tempo quando há referência a uma época. Assim, conhece-se a importante relação dos objetos com as vidas das famílias, visto que alguns deles são repassados de geração em geração, carregando suas memórias e as das pessoas a quem pertenciam. Esses objetos contribuem, portanto, para a construção de uma narrativa de si e dos outros, por consequência uma escrita de si plural em que o objeto fala de si e do outro. Por sua vez, percebemos o quanto a memória tem influência no valor desses objetos, que mesmo antigos, são peças inestimáveis para seus donos, a ponto de guardá-los e entregá-los aos filhos e netos como parte de si mesmos.

4.2 Identidade fragmentária: objetos

Para Stuart Hall (2006), a identidade na contemporaneidade é fragmentada, dessa forma observamos na narrativa de Lovatel (2017) como os objetos podem nos remeter aos fragmentos das identidades de seus donos. Compreendemos isso nos relatos como da carta e do batom, de forma que conhecemos um pouco das personalidades e as identidades multifacetadas dos donos.

Se estava feliz, contente da vida, escolhia um batom pink, bem vibrante. Quando triste, recorria aos tons de pele; quando se preocupava, pintava a boca de cobre. Assim, eu fui conhecendo um pouco mais sobre sua personalidade. Nas férias, ela ousava. O batom seguia as cores dos esmaltes: uma semana laranja, outra azul, verde, lilás... Todos os batons do suporte tinham a sua vez. O que aumentava a minha estranheza. Somente eu continuava intacto. (LOVATEL, 2017, posição 787)

As narrativas dos diversos objetos nos apontam para a construção da trajetória daqueles a quem pertenciam, mas também de traços de suas personalidades em decorrências das experiências que viveram, como Hall discorre (2006) sobre a fluidez da percepção identitária do sujeito, que está em constante mudança conforme as relações culturais que estabelece,

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13)

Por essa razão, conhecemos a solidão da mãe após a morte do Sapateiro (família 1) e da partida dos filhos, contada pela carta “– Cada uma lida com a solidão como pode. Tem gente que enche a casa de bichos, tem gente que passa o dia em frente à televisão... Eu gosto de conversar, sabe? Cartas me trazem os carteiros.” (LOVATEL, 2017, posição 326)

Pela narrativa do batom, conhecemos um pouco mais da personalidade da Estilista (família 3) que era ousada, alegre, já que as cores dos batons escolhidos por ela estavam diretamente ligadas à forma como se sentia. Entretanto o batom, que é vermelho intenso, nos salienta que a Estilista vem se sentindo triste há um certo tempo, pelas escolhas constantes de batons em tons nude e discretos, nunca o escolhendo. “Nos meses seguintes, notei certa tensão no ar. Os tons de pele e cobre não saíam dos lábios dela.” (LOVATEL, 2017, posição 807).

Dessa forma, os demais personagens apresentados pelos objetos vão tomando formato para o leitor, suas histórias e a influência de cada experiência na construção de suas

identidades, por isso alguns são descritos como tristes, solitários, insatisfeitos, posto que os objetos conhecem apenas fragmentos das identidades dos seus donos. Entretanto, para o leitor a junção desses fragmentos leva à compreensão das complexas personalidades dos personagens biografados.

4.3 Os objetos e biografema

Como vimos anteriormente, os objetos conhecem fragmentos identitários daqueles de quem narram as histórias, daqueles que biografam. Por sua vez, podemos estabelecer uma relação desses fragmentos com o apontado por Roland Barthes (2005) sobre biografema, visto que tais objetos também são fragmentos das memórias de seus donos, são traços que fazem parte das narrativas das personagens, como o xale que deixa de ser apenas uma peça de vestuário (em desuso nos dias atuais) para ser o símbolo do casamento que une as famílias 1 e 2, além de representar o estreitamento das relações das mulheres da família (2) que confeccionaram o xale.

A marcha nupcial apontou para a entrada da igreja. O nervosismo quase atrapalhou a felicidade da noiva. Mas ela não estava sozinha. Apertando-me nos ombros, a jovem se sentiu abraçada pela mãe, pela avó, pela irmã e pela tia. Parou de tremer e caminhou pela nave com passos decididos. (LOVATEL, 2017, posição 584)

Logo, as (auto)biografias dos objetos nos remetem aos biografemas, porque as narrativas são elaboradas de forma fragmentada, os objetos valem-se de traços das pessoas que são focos das narrativas para contar suas histórias. Por sua vez, Eneida Maria de Souza (2002) refere-se ao biografema como “[...] conceito que responde pela imagem fragmentária do sujeito, uma vez que não se acredita mais no estereótipo da totalidade e nem do relato de vida como registro de fidelidade e autocontrole;” (SOUZA, 2002, p.113), isto é, os diversos traços narrados pelos objetos levam o leitor a costurar os elementos que remetem às histórias das pessoas que fazem parte do livro, e permitem compreender, a partir das nuances e detalhes de cada personagem, a complexidade das relações.

4.4 Elementos paratextuais e a autoficção

Para tratar de autoficção primeiramente é necessário discorrer sobre os postulados de Gérard Genette (2010), em seu ensaio “Palimpsestos: a literatura de segunda mão”, sobre elementos paratextuais. O teórico acredita que os elementos que antecedem ao livro em si, exercem um papel discursivo de conexão entre os elementos que estão fora do texto (do livro),

[...]é constituído pela relação, geralmente menos explícita e mais distante, que, no conjunto formado por uma obra literária, o texto propriamente dito mantém com o que se pode nomear simplesmente seu paratexto: título, subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, advertências, prólogos, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim de texto; epígrafes; ilustrações; release, orelha, capa, e tantos outros tipos de sinais acessórios, autógrafos ou alógrafos, que fornecem ao texto um aparato (variável) e por vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor, o mais purista e o menos vocacionado à erudição externa, nem sempre pode dispor tão facilmente como desejaria e pretende. (GENETTE, 2010, p.15)

Diante disso, quando a autora dedica sua obra à irmã “Estas páginas são dedicadas ao anjo que levou cinco anos para me ensinar a amar os outros mais do que a mim mesmo querida e única irmã” (LOVATEL, 2017, posição 44), pode-se especular acerca do caráter autobiográfico que está presente em sua obra, visto que a criança (filha da família 3) falece aos 5 anos, sendo essa a causa da tristeza dos familiares, além de ser o ponto de partida para a mudança, que é visto na primeira narrativa, e também a razão pela qual se escreve o livro.

Os elementos paratextuais não são dispostos nas obras de forma arbitrária e gratuita, por essa razão, é possível conjecturar acerca do caráter autoficcional, no qual indaga-se se a autora não estaria utilizando da fabulação dos fatos reais para trazer ao leitor traços de sua própria experiência diante da perda de um ente querido. Além disso, retomando às conjecturas, a última narrativa da obra de Lovatel (2017) é elaborada de maneira metalinguística, pelo próprio livro, que nasce pelo olhar do pai (Sapateiro da família 3) ao ser apresentado como uma forma de lidar com a dor e luto pela perda da filha, e uma forma de relembrar, na voz dos objetos, todas as histórias até então narradas.

Não sei ao certo o momento em que ele resolveu registrar mais informações sobre os objetos. Uma forma de nostalgia, talvez. De relembrar as histórias que eles evocavam. [...] Escrever um livro. Um ato de criação, quando se sentia morto. Poderia salvá-lo. Uma ideia que persistiu, deixando pelo caminho outras que não estavam destinadas a vingar. As histórias foram surgindo. Os objetos contavam suas memórias. (LOVATEL, 2017, posição 884)

Assim sendo, nota-se que a obra de Lovatel (2017) possui características que remetem às discussões de Doubrovsky (2014) e de Colonna (2014) sobre a possibilidade de fabular sobre fatos reais na escrita autoficcional, permitindo que se conjecture a relação existente entre as experiências pessoais da autora e sua obra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme mencionado anteriormente neste trabalho, após as experiências como docente, numa escola da rede estadual, na cidade de São João del-Rei, Minas Gerais, realizando trabalhos com os alunos sobre os gêneros biografia e autobiografia, por intermédio da releitura de imagens para representar a escrita de si, verificou-se conceitos como biografema e autoficção, neologismos criados por Roland Barthes (2005) e Serge Doubrovsky (2014), respectivamente, para tratar de outras formas de contar as próprias narrativas.

Durante as discussões sobre o texto literário, *A memória das coisas*, de Marília Lovatel (2017), foi possível encontrar aspectos do gênero autobiografia e biografia, de acordo com Philippe Lejeune (2008) e Leonor Arfuch (2006), salientando a relação do autor e da narrativa, quer seja de si, ou de outrem, nas vozes dos objetos que narraram mais do que as próprias histórias, mas a de seus donos, que se entrelaçam pela indissociável relação objetos-memória.

Além disso, percebemos as diferentes formas de atribuição de valor ao objeto, diante das diferentes perspectivas pelas quais ele é lido, isto é, o mesmo objeto pode possuir valores distintos, como valor mercadológico, monetário, afetivo, como moeda de troca, conferir valores sociais e tornar-se símbolo, das inúmeras recordações que se tem dele nas narrativas pessoais.

Assim, tais atribuições de valor estão engendradas nas relações afetivas que os objetos carregam nas narrativas pessoais, quer observado nos trabalhos escolares sobre os gêneros autobiografia e biografia, ou nas narrativas de Lovatel (2017) pelas vozes dos objetos narradores, que não podiam ser separadas das experiências de seus donos. À medida que os objetos fazem parte das trajetórias dos indivíduos, esses adquirem marcas memoriais que lhes conferem um valor único.

Portanto considera-se que, diante da hipótese de pesquisa deste trabalho acerca da relação entre identidade, memória e as coisas, as narrativas dos objetos, na obra de Lovatel (2017), formam um mosaico, pelos traços fragmentados das identidades dos personagens,

permitindo ao leitor montar o complexo quebra-cabeças das vidas de diferentes famílias.

Além disso, a percepção de uma identidade unificada não é possível de ser acessada, uma vez que não se acredita nessa noção de totalidade, ou de imutabilidade, e por essa razão os fragmentos narrados pelos objetos são das diversas identidades que seus donos expressaram ao longo da via.

Como discutido por Stuart Hall (2006), a identidade não é única desde o nascimento até a morte, mas multifacetada, como parte dos processos experienciados ao longo das interações vivenciadas, bem como a memória também é fragmentária e elemento importante da percepção de si, da construção da ideia de identidade.

Por sua vez, os objetos e os valores a eles atribuídos estão vinculados às memórias, tendo em vista a afetividade das lembranças, que pode lhes conferir significações distintas. Assim como apontado por Baudrillard (2001), compreende-se que os objetos podem representar mais do que são em sua forma concreta, mas possuir valores subjetivos que tornam tais objetos inestimáveis.

6 REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**. Dilemas da Subjetividade Contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BAUDRILLARD, Jean. **Senhas**. Rio de Janeiro: Difel, 2001.
- BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loyola**. Tradução de Mário Laranjeira. Revisão da tradução; Andrea Sahel M. da Silva. Martins Fontes. São Paulo, 2005.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Trad. Manuela Torres. - Lisboa. 2012.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In. *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas I*. Trad. Rouanet S. P. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 165-196.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996, p. 74-82.
- COLONNA, Vincent. Tipologia da autoficção. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). **Ensaio sobre a autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 39-66.
- DOUBROVSKY, Serge. O último eu. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). **Ensaio sobre a autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 111-125.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Viver para contar**. Trad. Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- GENETTE, Gérard. Cinco tipos de transtextualidade, dentre os quais a hipertextualidade. In: **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Tradução de Luciene Guimarães. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010, p. 11-20.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Stuart Hall; Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Guaracira Lopes Louro-11. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico. In: **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 13-47.

LOVATEL, Marília. **A memória das coisas**. Ilustrações de Karlson Gracie. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2015. Editora Demócrito Dummar Ltda, 2017. E-book Kindle.

MACIEL, Maria Esther. **A memória das coisas**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

MUCCI, Latuf Isaias. **Biografema** | cceia. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/biografema>>. Acesso em: 29 set. 2022.

SOUZA, E. M. Notas sobre a crítica biográfica. In: SOUZA, E. M. **Crítica cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 111-120.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.